

Em 2011 celebrou-se o centenário do voto de Carolina Beatriz Ângelo (1878³-1911), episódio ocorrido em 28 de Maio e que foi relatado pelos quatro cantos do mundo; não fora a precocidade da sua morte muito mais haveria a contar. Não obstante, a pluralidade aliada à perseverança foram constantes na sua vida, tendo sabido conciliar a liderança associativa com o papel de mãe, a vida familiar e o exercício profissional, morre contando somente 33 anos, idade com que aliás falecera também seu marido Januário Barreto. Foi uma passagem breve pela vida, mas intensamente vivida, razão pela qual permanece indelével na memória e na história do feminismo em Portugal.

Hoje a efeméride é já passada, sendo certo que em Loures, um novo hospital homenageia a primeira cirurgiã portuguesa, edificado com o nome de Carolina Beatriz Ângelo.

Pretendemos evocar a figura incontornável da médica, republicana, feminista e sufragista, Carolina Beatriz Ângelo, recordando a pesquisa sistemática feita relativamente à pioneira da medicina em Portugal, cujos dados seriam pouco depois integrados no catálogo e

¹ O título foi recuperado de uma comunicação apresentada à Sociedade de Geografia de Lisboa, sendo este artigo inédito.

² Isabel Lousada (n. 1962, em Lisboa) é investigadora auxiliar de nomeação definitiva da FCSH. Membro integrado da equipa de investigação CesNova - Centro de Estudos de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Licenciada em LLM - Línguas e Literaturas Modernas (1984), prosseguiu os seus estudos tendo-lhe sido conferidos os graus de Mestre (1989) e Doutor (1999) em Estudos Anglo-Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Terminou em 2008 o Curso «Techpreneur-Entrepreneurship training» ministrado pelo Nova Forum - Faculdade de Economia UNL. Concluiu em 2009 o 1.º Curso de Pós-Graduação em Administração Pública e Sociedade. Membro da AMONET - Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas; SGL - Sociedade de Geografia de Lisboa, Vogal da Secção de História da Medicina; Comissão Nacional do MDM - Conselheira do Movimento Democrático de Mulheres; AIEHM - Asociación Española de Investigación Histórica de las Mujeres. Escreveu: Adelaide Cabete (1867-1935), Coleção Fio de Ariana, n.º 6, Lisboa, CIG/PCM, 2010; Perfil de uma Pioneira: Adelaide Cabete (1867-1935), Coleção Livros República, Lisboa, Fonte da Palavra/Associação Cedro, 2011. Alguns dos seus textos estão acessíveis no repositório da UNL onde podem ser consultados em livre acesso: <http://run.unl.pt/>

³ Maria Antonieta Garcia, em *Carolina Beatriz Ângelo: Guarda(dora) da Liberdade*, recentemente dada ao prelo precisa a data de nascimento a 16 de Abril na freguesia de São Vicente, Guarda.

exposição a ela dedicados: “Carolina Beatriz Ângelo: Intersecções dos sentidos – palavras, actos e imagens”.⁴

Uma exposição em torno da vida e obra de uma notável mulher começa desde logo por interpelar pela dinâmica e pela envolvente. As palavras emprestadas para a divulgação mais ampla através da página do Museu da Guarda para este encontro, são agora convocadas de modo a recriarem uma moldura subjacente à figura feminina exaltada nesta iniciativa singular, pretendendo imortalizá-las por esta ocasião:

“A vida de Carolina espelha, até pela sua curta viagem, um esplendor harmonioso, perceptível por entre as convicções que a animam, pela expressão dos seus actos, das palavras proferidas, àquelas que ficaram por dizer. O mesmo se poderá dizer das imagens dadas, capturadas ou talvez só imaginadas, mas que foram eternizadas, aqui e alémfronteiras. Premonitória, ou não, pois sabemos-la dotada de uma lucidez invejável, expressa a sua vontade para que se cumprisse na morte o seu desejo em vida: “Encham tudo de plantas verdes ...”⁵ como se pelas plantas viçosas se antevisse a passagem para a vida dos lendários vales verdejantes e imortais, dos que perseguindo um sonho, alcançaram a sua pedra filosofal, vencendo o tempo, pois que morrem sem ter nunca envelhecido. Quisera ter escrito mais, confessa. E por entre esse desabafo sentimo-la mais perto, sempre que reflectimos na sua caminhada, revisitamos os seus textos, lembramos os seus passos. Mulher, alquimista doutros tempos, com segredos por revelar e mistérios indecifráveis. Breve, porém intensa ... uma vida em que coube o amor, a partilha, a entrega, a devoção, a vocação, o sacrifício e a dor. A par da luta por causas maiores torna-se promotora e mensageira da paz, sara corpos assolados por males, que em si não alcança curar! Foram breves em demasia as poucas primaveras experimentadas, mas por certo seivas tornadas brisas refrescantes na busca de uma paz, que o mundo foi pequeno demais para abraçar.

⁴ Premiado com o galardão “Melhor Catálogo” atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM), em 12 de Dezembro de 2010.

⁵ “Enfeitem tudo com as plantas verdes que eu tanto amo, se com facilidade as houverem à mão” declara em 16 de Julho de 1910.

Propomos-lhe então um tempo de deleite, sugerindo que ao percorrer a exposição, permita ao seu olhar prender-se ... nos símbolos, objectos, imagens e palavras escolhidos, e uma vez implicados os sentidos, cem anos depois, nas intersecções dos sentidos, pressentir a vida que ainda vive!”⁶

Embora saibamos que sempre teve em apreço a literatura⁷, não terá sido esse o campo em que se notabilizou. A fotografia que acompanha a notícia de onde colhemos a informação anterior está assinada por si própria, exibindo a data relativa ao acontecimento que a celebrizou. Justamente 28 de Maio de 1911 passará a ser doravante indissociável do notável feito – o ter sido a primeira mulher eleitora, não só em Portugal, mas em toda a Europa do Sul⁸; a primeira mulher a votar⁹; após longa e dura batalha travada, judicial e administrativamente, a fim de ver consignado o direito político que pretendia ver concretizado, como a sua militância em torno do sufragismo revela, a muitas outras mulheres, sendo sobejamente conhecidos os moldes em que o defendia. O sufrágio restrito visava num momento inicial dar acesso a um grupo mais habilitado e preparado (não facilmente manipulável). Não obstante, a foto é legendada, inscrevendo o seu nome, exibindo as suas habilitações: “Formada em Medicina pela Universidade de Lisboa”¹⁰. O lema da Associação de Propaganda Feminista¹¹, «Perseverança, Verdade e Justiça» espelha os princípios porque regeu a sua vida. Ter sido a primeira eleitora portuguesa, o que lhe granjeou o título de “sufragista prática”, revela bem a postura, por si assumida em vida curta apesar de intensa.

⁶ Acedido em Outubro 12, 2009, <http://museudaguarda.imc-ip.pt/pt-PT/exposicoes/futuras/ContentDetail.aspx?id=444>

⁷ No *Almanaque das Senhoras para 1913, 1912, 226*, se refere ter escrito uma comédia representada na Guarda, em récita de caridade, com assinalável êxito.

⁸ Em rigor, também no panorama internacional, Carolina Beatriz Ângelo e através do seu voto, também o nosso país, foram pioneiros, visto que para além da Finlândia (1906) e da Noruega (1913), o sufrágio feminino era impedido à esmagadora maioria das mulheres.

⁹ Ao depositar o boletim de voto numa urna no Clube Estefânia, Círculo n.º 34 de Lisboa Oriental, com o número de eleitora n.º 2513.

¹⁰ *Almanaque das Senhoras para 1913, 1912, 225*.

¹¹ Fundada por Carolina Beatriz Ângelo com Ana de Castro Osório, Rita Dantas Machado e Maria Laura Monteiro Torres surge na esteira das divergências geradas em torno do sufrágio feminino na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Cf. Acta de 21 de Abril de 1911.

O facto de em 1903, encontrarmos, em Portugal, a nossa primeira cirurgiã, é digno de monta; “Prolapsos Genitais”¹², assim se intitula a dissertação de Carolina, que ainda jovem se desloca da Guarda para Lisboa, com o objectivo de prosseguir os estudos e frequentar a Escola Politécnica, logo em 1895/1897. Se este aspecto de *per se* revela arrojo, não menos audacioso terá sido o propósito de cursar Medicina. Ingressa na Escola Médica¹³, colocando-se, assim, entre uma ínfima parcela da população portuguesa feminina. Durante os anos da sua formatura priva com os expoentes máximos da universidade no país, Curry Cabral, Ricardo Jorge, José Serrano, Miguel Bombarda, Alfredo da Costa e Manuel Bettencourt Pitta nomes a relevar. É também aí que estreita relações com Januário Gonçalves Barreto Duarte¹⁴, de cujo enlace nasce Maria Emília Ângelo Barreto (1903-1981), bisando o nome de sua avó materna¹⁵.

O périplo traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras, que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado. O reconhecimento granjeado junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira a que se dedicou; uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres elegendo-a como modelo e precursora. Em Outubro de 1907 o seu retrato faz capa da revista ilustrada *Alma Feminina*, não terá sido alheio a este facto, ser a jornalista e pacifista Virgínia Quaresma (1882-1973), a redactora principal e a legenda que lhe é aposta. Doutora Carolina Beatriz Ângelo “excepcionalmente inteligente, estudiosa e com decidida vocação à carreira científica que escolheu a Sr.ª Dr.ª Carolina Beatriz Angelo é uma medica distinctissima, tendo granjeado as

¹² Ver Maria do Sameiro Barroso, “Prolapsos Genitais – a Tese de Carolina”, *Carolina Beatriz Ângelo: Intersecções dos sentidos/palavras, actos e imagens* (Guarda: IMC/Museu da Guarda, 2010), 42-45.

¹³ Ver Isabel Lousada, in *Roteiros Feministas*, (Lisboa: 2010).

¹⁴ Casapiano, médico, natural da Aldeia do Souto, onde nasce a 1877, morre a 1910, a escassos meses de ver proclamada a República, por que tanto lutou, tendo sido velado na sua própria casa, Rua do Sol ao Rato, 181, 1.º, de onde sai em cortejo fúnebre, até ao cemitério dos Prazeres, acompanhado de uma multidão. Também ele envolvido em inúmeras instituições de cariz associativo, maçom, tendo o advogado José de Castro sido o orador por altura das exéquias fúnebres, como as notícias de jornal deixam saber. Era seu conterrâneo e, à época, Grão-Mestre adjunto da Maçonaria Portuguesa que incumbiria sua mulher Carolina e Adelaide Cabete (1867-1935) de confeccionarem as bandeiras verde-rubras a serem desfaldadas na revolução proclamando a vitória republicana. (Ver: Isabel Lousada, “Em fazenda verde-rubras” in *A Maçonaria e a Implantação da República*, (Lisboa: Fundação Mário Soares, 2009.) Januário Barreto havia sido colega de António do Couto (1874-1946), arquitecto (que morre a 3 de Julho, dia com uma carga simbólica tão grande para um “ganso”- o aniversário da Casa Pia de Lisboa celebra-se no mesmo dia desde 1780) que casa com a irmã de Carolina, Corina Ângelo do Souto (1884 – 1933). Ver a este propósito os estudos assinados por Santos Pinto.

¹⁵ Emília de Castro Barreto.

mais vivas simpatias desde o início da vida de estudante. Acompanhando o movimento feminista em Portugal, é membro da Liga *da Paz*, e foi indigitada para reger a cadeira de Higiene Infantil na futura *Universidade Popular*.¹⁶

Atributos aplaudidos também na caixa “Propaganda Feminista” que *Os Ridículos* editam juntando à sua foto e nome “Medica pela escola de Lisboa, presidenta da Associação de Propaganda feminista e que teve voto nas ultimas eleições Geraes das Constituintes”¹⁷. Os versos que o articulista inscreve vão directos à questão primordial relativa ao movimento sufragista português de que Carolina Beatriz Ângelo é então, como agora, a protagonista:

“Mulher pela mulher a combater/para que a mulher tenha autonomia/lutou, furou, estudou de noite e dia/**para como mulher o voto ter!/ E quer ser elegível, vai até ao fim[...]**”¹⁸

Este era o salto legítimo a que aspiravam os adeptos dos movimentos sufragistas por todo o mundo.¹⁹ De eleitora e elegível, proclamava-o de viva voz, Carolina. Voltando ao dia das eleições, ao abrigo da lei de 14 de Março de 1911, que concedia o voto aos cidadãos com mais de 21 anos, se chefes de família, sabendo ler e escrever. Reunindo essas condições participou pois na eleição dos deputados para Assembleia Constituinte; ainda que em segunda chamada é ela quem avança. Cem anos volvidos eis que a fazemos ouvir de novo:

“Dada a forma como a maioria da assembléa se manifestou, quando se procedia à segunda chamada, o secretário leu, na devida altura:

- D. Carolina Beatriz Angelo!

- **Sou eu!** – exclamou a denodada sufragista, avançando para a meza e entregando a lista ao presidente, enquanto parte da assistência a saudava com palmas.

Recebendo a lista, o sr. Constancio d’Oliveira disse **que a aceitava em virtude da determinação do poder judicial e também porque, na sua opinião, as**

¹⁶ *Alma Feminina*, Outubro 31, 1907, 1.

¹⁷ *Os Ridículos*, Agosto 16, 1911. Ver também: Isabel Lousada, “Carolina Beatriz Ângelo: cúmplice e Conspiradora”, in *Carolina Beatriz Ângelo: Intersecções dos sentidos/palavras, actos e imagens* (Guarda: IMC/Museu da Guarda, 2010), 24-27.

¹⁸ *Os Ridículos*, Agosto 16, 1911. Sublinhados nossos.

¹⁹ Cf. Ver a este propósito os textos que Luís Almeida Nogueira publica na *Vanguarda*, “O movimento internacional do sufrágio das mulheres – VII” secundado este desiderato, nos meses que se seguiram ao voto de Carolina Beatriz Ângelo.

mulheres intellectuaes e chefes de família teem direito ao voto. Terminou felicitando a eleitora pela sua attitude.

A Sr.^a D. Carolina Beatriz Angelo agradeceu as palavras do presidente e a manifestação que lhe fôra feita declarando que **se um dia fôr eleita saberá cumprir dignamente o seu mandato.** Nova salva de palmas se fez ouvir.”²⁰

Qual cidadã respeitadora e respeitada no exercício de um direito a caminho de uma nova meta.

Tornar-se elegível - um sonho a animá-la nesse dia, em que vestida de luto, somente dois cravos brancos na lapela, denunciavam tratar-se de uma estratégia partilhada com Ana de Castro Osório (1872-1935) a quem deixara exibir o terceiro dos cravos – símbolo da Associação de Propaganda Feminista que haviam feito nascer.

ANEXOS

ANEXO A

Excerto transcrito a partir de *A Capital*, editado em dia de votação – 28 de Maio de 1911

“São Jorge d’Arryos. – Presidente. Constancio d’Oliveira, representante da auctoridade, Joaquim Fernão Pires. Extraordinária concorrência. No fim da primeira chamada, o presidente consultou a mesa sobre se devia eu não receber a lista da sr.^a D. Beatriz Angelo, que se achava presente, acompanhada por muitas outras senhoras. O sr. Joaquim Beja protestou contra a admissão dessa lista, o que motivou um movimento contrário por parte de muitos eleitores. Nesta altura a sr.^a D. Beatriz Ângelo invocou o art.^o 64 da lei eleitoral, segundo o qual não podem votar os indivíduos que estejam loucos ou embriagados.

Dada a forma como a maioria da assembléa se manifestou, quando se procedia à segunda chamada, o secretário leu, na devida altura:

²⁰ *A Capital*, Maio 28, 1911, 2. Sublinhados nossos.

- D. Carolina Beatriz Angelo!

- Sou eu! – exclamou a denodada suffragista, avançando para a meza e entregando a lista ao presidente, enquanto parte da assistencia a saudava com palmas.

Recebendo a lista, o sr. Constancio d’Oliveira disse que a aceitava em virtude da determinação do poder judicial e também porque, na sua opinião, as mulheres intellectuaes e chefes de família tteem direito ao voto. Terminou felicitando a eleitora pela sua attitude.

A Sr.ª D. Carolina Beatriz Angelo agradeceu as palavras do presidente e a manifestação que lhe fôra feita declarando que se um dia fôr eleita saberá cumprir dignamente o seu mandato. Nova salva de palmas se fez ouvir.”²¹

ANEXO B

Excerto transcrito a partir da Acta do 2º Bairro – Clube Estefânia

“No final da primeira chamada, o presidente de mesa, consultou a mesma, sobre, se devia ou não aceitar a lista da Sr.ª D. Carolina Beatriz Ângelo que se achava presente, e cujo nome estava inscrito nos cadernos do recenseamento. Acrescentou o dito presidente que lhe constava que o Governo Provisório tinha mandado ouvir sobre o assunto, o procurador-geral da República, mas que não tendo nenhuma comunicação oficial a tal respeito, lhe parecia que se devia aceitar o voto aquela Sr.ª, visto o seu nome estar inscrito nos cadernos do recenseamento, e o art.º 64 da lei eleitoral determinar que nenhum cidadão recenseado, poderá inibido de votar, salvo em casos que não tinham applicação.

A mesa concordou com o parecer do seu presidente, resolvendo portanto que possa aceitar a lista aquela Sr.ª, o que se fez na devida altura de chamada, manifestando-se a Assembleia com uma salva de palmas.

O mesmo presidente, ao receber a lista, da Sr.ª D. Carolina Beatriz Ângelo, testemunhou a sua satisfação por esse facto, dizendo seguidamente que o direito de voto às

²¹ *A Capital*, Maio 28, 1911, 2.

mulheres, era assunto de grande ponderação, porque esse direito cívico exige grande responsabilidade aqueles que o exercem; que porém a Sr.^a D. Carolina Beatriz Ângelo, diplomada como é, com um curso superior, tem ilustração mais que suficiente, além dum belo talento, para poder arrostar com essa responsabilidade.”

Foram nove as listas inutilizadas por diversos motivos, os quais devidamente rubricados, vão juntos do processo.”²²

Resumo:

A vida de Carolina Beatriz Ângelo é motivo bastante para situar Portugal na frente dos movimentos emancipatórios femininos no mundo. Apesar de encontrar a morte com apenas 33 anos deixando órfã uma criança de 8 anos, inúmeros são os factos capazes de catapultarem Carolina para as primeiras páginas dos periódicos coevos como para os da actualidade. Tendo sido a primeira mulher a exercer cirurgia, numa época em que se podiam contar pelas mãos as que se haviam formado em medicina, outras razões levam a considerá-la primeira entre as primeiras. A este propósito é particularmente emblemático o dia 28 de Maio de 1911 em que se torna a primeira mulher da Europa do Sul a votar. Este artigo pretende evocar e trazer luz sobre alguns aspectos da sua vida.²³

Palavras-chave: Carolina Beatriz Ângelo; Sufragismo; Feminismo em Portugal; Pioneiras; Mulheres na ciência

²² Acta das eleições da freguesia de São Jorge de Arroios, Assembleia de República, 8-10. Transcrito de *República Portuguesa*, Círculo n.º 34. Lisboa Oriental. Assembleia Primária de S. Jorge de Arroios – Clube Estefânia, n.º 62, 2.º Bairro de 26 de Maio de 1911 [Arquivo Histórico e Parlamentar].

²³ Ilustrações e negritos da responsabilidade da autora.



Alma Feminina, Outubro 31, 1907

A handwritten signature in dark ink on a light-colored, aged piece of paper. The signature is written in a cursive, flowing style and reads 'C. B. Ângelo'. A long horizontal line is drawn below the signature.

Assinatura de Carolina Beatriz Ângelo



Os Ridículos, Agosto 16, 1911.²⁴

²⁴ Todas as ilustrações deste artigo foram escolhidas pela autora.